



DIDÁTICA E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: O USO DO PORTFÓLIO NO ENSINO SUPERIOR

Ingrid Karla Cruz Biserra ¹

RESUMO

Os/As licenciandos/as precisam de habilidades e competências específicas para auxiliar a organizar a sua futura prática pedagógica. Um dos pilares fundamentais para isso é aprender a avaliar a aprendizagem dos/as alunos/as. Partindo dessa necessidade, este artigo apresenta uma discussão sobre a relação entre didática e avaliação e como nós, professores/as de professores/as, podemos contribuir para ensinar práticas avaliativas mais democráticas, diversas, responsáveis e, sobretudo, formativas. O referencial teórico utilizado está baseado na perspectiva da didática como teoria da formação numa concepção crítica e reflexiva, e na defesa da avaliação formativa e mediadora. A experiência apresentada ocorreu numa turma heterogênea de licenciatura (vários cursos) na Universidade Federal da Paraíba, campus I, no componente curricular Avaliação da Aprendizagem, e objetivou analisar o uso do instrumento portfólio como possibilidade de avaliação da aprendizagem no ensino superior. Por meio desse instrumento os/as alunos/as tiveram as suas aprendizagens avaliadas e orientadas. Além disso, aprenderam a utilizar técnicas e atividades diversificadas para compor o seu repertório profissional.

Palavras-chave: Didática e Avaliação, Instrumentos, Portfólio, Ensino superior.

INTRODUÇÃO

Embora não seja fácil e tampouco uma questão resolvida do ponto de vista epistemológico, corroboro com as considerações da professora Amélia Franco (2014) ao defender que em busca de uma ressignificação conceitual da didática, a consideremos não simplesmente como teoria do ensino, mas como teoria da formação docente, quebrando as amarras meramente aplicacionistas, fundamentando-nos numa perspectiva crítica e reflexiva, e utilizando-se da teoria pedagógica da pedagogia como ciência da educação.

A didática defronta-se com questionamentos que perpassam a sociedade contemporânea, como “pra quê ensinar” ou com anseios dos próprios/as docentes, como o quê ensinar e como ensinar”. Tenho como ponto de partida que ela sozinha não consegue (e não almeja) responder completamente a essas questões, mas ajuda a lançar luz sobre os processos de ensino a partir das novas demandas que solicitam de nós, professores/as, respostas e ações cada vez mais rápidas. E faz isso considerando contextos mais amplos, além do espaço

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, professora da educação básica no município de Santa Rita – Paraíba, ingridkarlacruz@gmail.com;



circunscrito da sala de aula. Afinal, a didática não se esgota na aula, mas tece relações com a legislação, o currículo, o tempo, o espaço e a cultura escolar, as práticas, o planejamento, a avaliação, etc.

É especialmente sobre uma dessas relações que vou me debruçar: didática e avaliação. A raiz dessa chave investigativa parte da observação de um fato relevante na prática pedagógica de muitos/as professores/as. Por vezes a didática e a avaliação são postas como temáticas separadas e as vezes indissociáveis na prática educacional. No entanto, defendo a partir de alguns autores/as que são indissociáveis. O ensino está relacionado com a avaliação. O ensino pressupõe objetivos gerais ou específicos, conteúdos, metodologias direcionadas a alcança-los e recursos que visem atingi-los. A avaliação, por sua vez, busca analisar, com dados e a partir de instrumentos e critérios, aquilo que foi ensinado e transformado em aprendizagem. Ela avalia a qualidade do processo de formação. Ambos dependem um do outro. Não podemos avaliar algo sem ter ensinado e não podemos simplesmente ensinar sem compreender se foi satisfatório ou não.

Sendo assim, ensinar e aprender são processos distintos, mas indissociáveis nas práticas pedagógicas. Exemplo disso, é que nem tudo que é ensinado é aprendido. O ensino não é consequência direta para a aprendizagem, mas ele só é efetivo quando esta acontece. Esse caminho a percorrer envolve a mediação do/a professor/a, em contraposição a transmissão de conhecimentos, e envolve, sobretudo, o uso que este faz da didática a fim de oportunizar esse desenvolvimento e o acompanhamento do processo, estabelecendo interfaces com a avaliação. Concordo com Nogueira *et al* (2016, p. 149) quando afirma que:

A didática, de forma mais específica, busca estudar/discutir/refletir sobre as diversas questões/ relações metodológicas, entre outras relações que envolvem o ensino – e, aqui, acrescentamos a aprendizagem, porquanto, no processo de relações em sala de aula, entendemos que há ensino quando ocorre a aprendizagem, tendo em vista que o professor é o mediador desse processo, buscando meios para que o aluno aprenda, reconhecendo que todos são capazes de aprender, dentro de suas singularidades e diferenças.

Nesse sentido, cabe a avaliação fazer a análise desse processo. A depender da concepção de avaliação adotada, essas relações se modificam. Pensando nessas relações, na minha prática de professora do ensino superior, no componente Avaliação da Aprendizagem, e com base no repertório de autores/as do campo, esse artigo teve como objetivos: discutir sobre a relação entre didática e avaliação, compreender o papel da avaliação da aprendizagem na prática



pedagógica intencional e reflexiva, analisar o uso do instrumento portfólio como possibilidade de avaliação da aprendizagem no ensino superior. Utilizou de pesquisa bibliográfica para ser organizado e de análise da minha prática no referido componente, ministrado no semestre 2019. 2, na Universidade Federal da Paraíba, campus I.

A pesquisa se desenvolveu na área da didática, pensando a avaliação da aprendizagem. Autores/as como Ambrósio (2013), Luckesi (2011), Hoffmann (2017) e alguns outros embasam esse estudo, que parte do entendimento que a avaliação no contexto escolar não ocorre em momentos isolados, mas permeia todo o processo. Ela não está no vazio conceitual e teórico, tampouco separada das concepções que fundamentam o ensino. Ela não é um fim em si mesma e não é neutra. Pelo contrário, está relacionada a função social e política da sociedade e a uma concepção de mundo e de educação a qual ela está inserida.

Nos diferentes momentos históricos a avaliação assumiu papéis diferentes e operou com determinadas práticas, mas, ainda hoje, corroborando com os/as autores/as citados acima e especificamente com Luckesi (2011), continuamos praticando exames escolares, não com vistas a acompanhar o processo, mas a medir e quantificar. A hoje clássica expressão Pedagogia do Exame, propugnada por este autor, coloca os/as educadores/as que buscam ressignificar as práticas cotidianas em conflito ao que Freitas *et al* (2014) apontou: pensar a avaliação do ponto de vista que a defendemos hoje é caminhar na contramão. Ainda assim, adverte:

No campo da avaliação, defendemos que é necessário correr alguns riscos de modo a recuperar a capacidade de indignação frente ao que está posto e expressar algum movimento que se oponha à inércia e ao conformismo [...] quais as consequências de usarmos os mesmos caminhos todos os dias sem nos interessarmos em saber para onde eles nos conduzem? Afinal, quem definiu serem estes os caminhos certos e colocou as placas de sinalização para evitar os acidentes de percurso? (FREITAS *et al*, 2014, p. 70).

Ando na contramão de algumas práticas instituídas no “chão da sala de aula”, causando espanto no primeiro momento, trabalho no segundo e, de um modo geral, mas não unânime, agradecimento pelas aprendizagens adquiridas no terceiro. A seguir será exposto uma parcela das experiências desenvolvidas nesse percurso com o objetivo de buscar práticas avaliativas mais democráticas, reflexivas, pesquisadoras, autênticas e diversificadas.



METODOLOGIA

A metodologia consistiu em realizar uma revisão bibliográfica sobre a temática. Para isso fiz um levantamento dos/as autores/as que utilizam e/ou discutem o assunto, leitura e reflexão, a fim de problematizar a relação entre didática e avaliação nas práticas pedagógicas. A pesquisa bibliográfica incide no levantamento da literatura publicada sobre um determinado tema, fazendo com que o/a pesquisador/a ao ter acesso a essa produção consiga tecer considerações sobre a temática que o auxilie em suas análises. Após essa discussão, analisei alguns materiais produzidos no componente que ministrei no semestre 2019.2, e que fizeram parte do portfólio, com vistas a demonstrar a importância da diversificação dos instrumentos avaliativos, assim como a socialização de possibilidades de instrumentos, mesmo no ensino superior, as vezes engessado em provas e gabaritos. As imagens fazem parte do acervo profissional das minhas práticas e para o uso nesse artigo não identifiquei os sujeitos da produção, a saber, alunos/as de graduação (licenciatura).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cumprê destacar que a Didática exerce influência e importância nos processos de ensino e dependendo das suas circunstâncias históricas, socioeconômicas, políticas e pedagógicas, assume diversos papéis e funções. Como campo teórico ou como prática, em sua vertente instrumental ou fundamental, sendo didática geral ou específica, fato é que especialmente a partir da década de 1980 ela foi *posta em questão* (CANDAU, 1984), e mesmo após décadas, em meio a mudanças, pesquisas, avanços e retrocessos, a didática ainda é concebida por muitos/as como método para ensinar ou simplesmente como uma metodologia para *ensinar tudo a todos*, como já propunha Comenius no século XVII. Ao identifica-la dessa forma perdemos em muito o seu alcance e efeitos.

Posso dizer que na sociedade contemporânea, com a *geração alfa* (nascidos após 2010), os embates são cada vez maiores. Um/a estudante do século XXI, em 2020, já não pensa como seus antecedentes, já não tem as mesmas demandas. Isso constitui-se em grande desafio aos educadores/as e, afirmo, à didática. O ensino é uma prática social complexa e precisa de condições imprescindíveis para a sua ocorrência. Condições estas que passam, por exemplo, pela superação ou ressignificação (prefiro este termo) de várias práticas, pela revisão dos objetivos fundamentais da didática que cai em certos *cantos das sereias* (LIBÂNEO, 2014),



pela reafirmação das possibilidades pedagógicas da didática, ressignificando o *aplicacionismo estéril* (FRANCO, 2014). Sobre este último termo, compactuo com Maria Amélia Franco (2014, p. 13) quando afirma que a didática deve se organizar como “[...] teoria da formação de maneira que reverta seu caráter meramente aplicacionista com o qual historicamente conviveu na tarefa de ensinar/ formar, fundando-se numa perspectiva crítico-reflexiva [...]”.

Como estratégia de superação temos o componente Avaliação da Aprendizagem, parte da área da Didática, nos cursos de formação de professores/as, e especificamente no Departamento de Metodologia da Educação da Universidade Federal da Paraíba. Parto da defesa de que didática é ensinada, sim. Afinal, a docência não é nata, ela é uma profissão que precisa ser aprendida, e para tal, precisa da didática (ensino, fundamento, formação docente). Ela é um trabalho que necessita de fundamentos, competências, princípios e habilidades a serem desenvolvidas de maneira integrada e ao mesmo tempo interdisciplinar.

Como estudante eu vivenciei e como professora eu identifiquei que muitos/as estudantes, independente do componente curricular, tinham uma visão distorcida do que era – ou deveria ser, a avaliação, pelo menos do ponto de vista que a academia, a partir dos/as pesquisadores/as, projetos e obras, orienta hoje. A maioria dos discursos caminhavam para uma visão historicamente construída e naturalizada, que relaciona avaliação à teste, quantidade, medida, aprovação x reprovação, prova escrita, questões de múltipla escolha. Isso começou a me incomodar, principalmente após lecionar o componente Avaliação da Aprendizagem pela primeira vez, em 2016. De lá para cá tenho estudado sobre o tema e buscado meios didáticos intencionais para ensinar os/as futuros/as professores/as a avaliar a aprendizagem dos/as seus/uas futuros/as alunos/as. Sim, ensiná-los/as a ensinar. Devemos ensinar a como ensinar e avaliar. Para isso, eles/as precisam ir além do “devemos desenvolver práticas ativas, que estimulem os alunos a pensar e que não foquem apenas na nota” para “eu conheço, fiz e sei utilizar alguns instrumentos que auxiliam a chegar o mais próximo possível de saber o que o aluno aprendeu, como aprendeu e como eu posso intervir nesse processo”.

José Carlos Libâneo (2002, p. 217) definiu avaliação no contexto escolar como um componente “[...] que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes”. Ele apresentou também sete principais características da avaliação escolar: reflete a unidade objetivos-conteúdos-métodos, possibilita a revisão do plano de ensino, ajuda a desenvolver capacidades e habilidades, volta-se para a atividade dos alunos, tem caráter objetivo, ajuda na auto percepção do/a professor/a, reflete



valores e expectativas do/a professor/a em relação aos/as alunos/as. A partir desses pontos é possível perceber algum das possíveis e principais relações entre avaliação e didática.

Com o foco no ensino de instrumentos diversificados para serem utilizados na prática profissional dos/as futuros/as docentes, instituí o portfólio como ferramenta para avaliar a aprendizagem e para ensinar a avaliar. É importante ressaltar que,

Ao falarmos de instrumentos utilizados nos processos de avaliação, estaremos falando das tarefas que são planejadas com o propósito de subsidiar, com dados, a análise do professor acerca do momento de aprendizagem de seus estudantes. Há variadas formas de se elaborar instrumentos. Eles podem ser trabalhos, provas, testes, relatórios, interpretações, questionários etc., referenciados nos programas gerais de ensino existentes para as redes escolares e que definem objetivos e conteúdos para uma determinada etapa ou série, ou podem ser referenciados no conhecimento que o professor tem do real estágio de desenvolvimento de seus alunos e do percurso que fizeram na aprendizagem. (FERNANDES; FREITAS, 2007, p. 27).

A proposta do portfólio é solicitada como instrumento de reflexão docente e discente nas turmas. Ele é uma ferramenta que possibilita organizar as ideias, promover hábitos de reflexão, pesquisa e sistematizar o que foi vivido e pensado. Nenhuma das atividades são solicitadas de forma aleatória ou descontextualizada. Elas exigiram planejamento, reflexões e tomadas de atitudes, de ambas as partes. Ao mesmo tempo que faz, o/a estudante de licenciatura aprende a fazer. Aqui está uma das suas principais contribuições e um dos seus principais objetivos.

Ele está vinculado a uma determinada concepção de avaliação: a avaliação formativa e mediadora, desenvolvida ao longo dos processos de ensino e de aprendizagem, para verificar se os objetivos propostos foram atingidos, ou seja, se houve aprendizagem acerca da temática em foco. Conforme Jussara Hoffmann (2017, p. 86), a avaliação mediadora é intervenção, intermediação e intercessão, é, sobretudo, “[...] ação, movimento, provocação, a busca de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa, professores e alunos buscando coordenar seus pontos de vista, trocando ideias, reorganizando-as, transformando-as”. Ela é produzida de modo processual e adota diversos instrumentos, como fichamentos, mapas conceituais, questionários, argumentação oral, elaboração de questões. Os critérios específicos de cada atividade e a técnica envolvida são expostos no decorrer do componente.

O portfólio em foco foi desenvolvido como parte da avaliação formativa numa turma heterogênea de licenciandos em inglês, português, francês, ciências biológicas e física. Fez



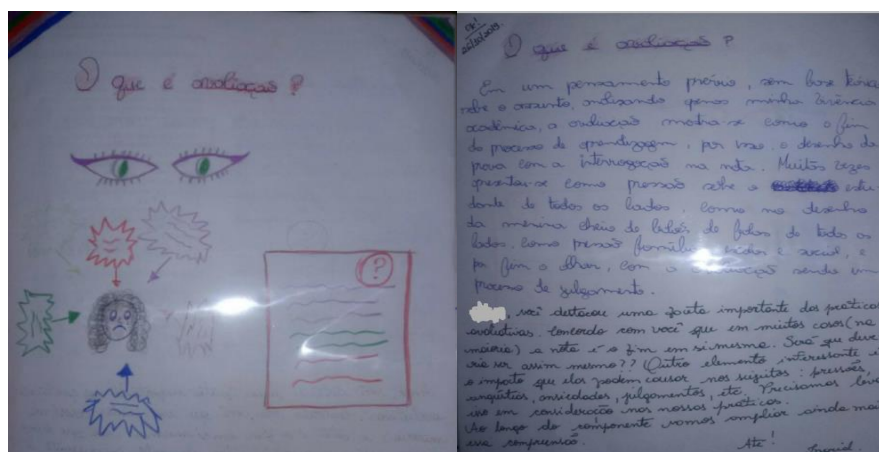
parte do processo durante todo o semestre (outubro – abril), com carga horária de 60 horas, e no sistema integrou a terceira nota. Os critérios de avaliação foram: pontualidade na entrega das atividades, criatividade, organização, reflexão crítica, respostas aos *feedbacks* da professora (quando for solicitado), coerência e adequação ao conteúdo e a proposta que foi solicitada. De acordo com Lima; Grillo; Harres (2010, p. 91),

O portfólio é um instrumento que possibilita ao aluno expressar as aprendizagens realizadas durante um determinado período de tempo. Trata-se de uma seleção feita pelo aluno de materiais significativos e que representam a sua trajetória na construção de conhecimentos. Pode incluir ensaios, relatórios, resenhas, fichamentos de textos, gráficos, gravuras, mapas, fotografias, recortes, entre outros [...].

Para Villas Boas (2004, p. 38), o portfólio “[...] é um procedimento de avaliação que permite aos alunos participar da formulação dos objetivos de sua aprendizagem e avaliar seu progresso [...] selecionando as melhores amostras de seu trabalho para incluí-las [...]”. É importante ressaltar que ao contrário de alguns autores, como a citada acima, as atividades que fizeram parte do portfólio não foram apenas as “melhores” versões, mas todas as versões foram anexadas e objeto de reflexão. Dentre os motivos está a compreensão de que elas refletem o caminho percorrido, mostram os erros, equívocos e avanços, e isso é de suma importância para o desenvolvimento das aprendizagens e para o redirecionamento do ensino.

O intuito nesse artigo não é problematizar as respostas dos/as estudantes ao que foi solicitado, mas apresentar as possibilidades de atividades a ser desenvolvidas e ensinadas aos futuros/as professores/as, como formas diversificadas de avaliar as aprendizagens. Sendo assim, nesse componente, foram realizadas as seguintes atividades:

Figura 1 – Desenho



Fonte: Acervo da autora (2019).

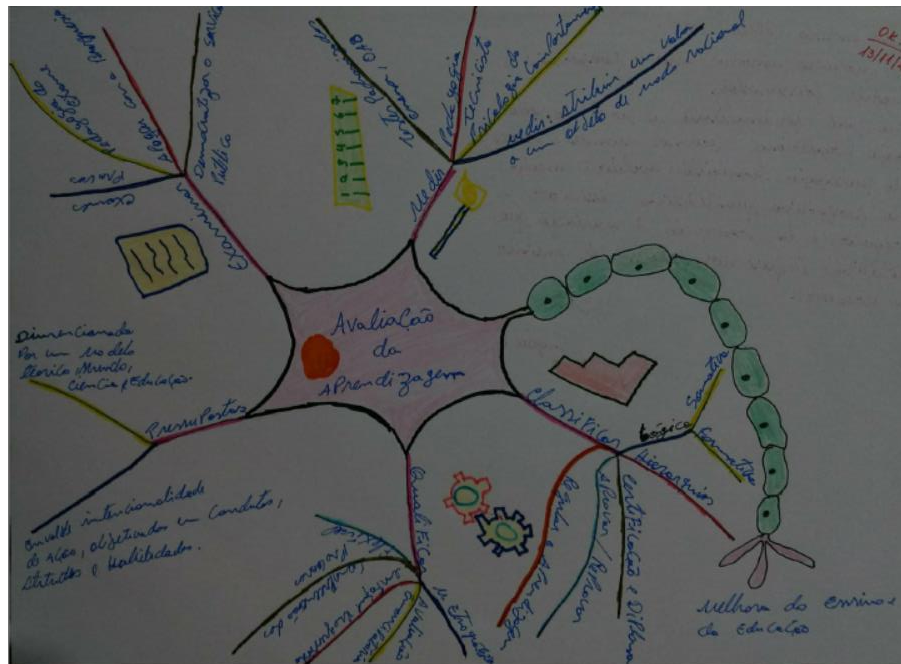


Figura 2 – Letra da música

The image shows two pages of a document. The left page contains the lyrics of the song "Estudo errado" by Gabriel O Pensador. The right page contains handwritten notes in green and black ink, discussing educational concepts like "currículo", "conteúdo", "metodologia", and "currículo oculto".

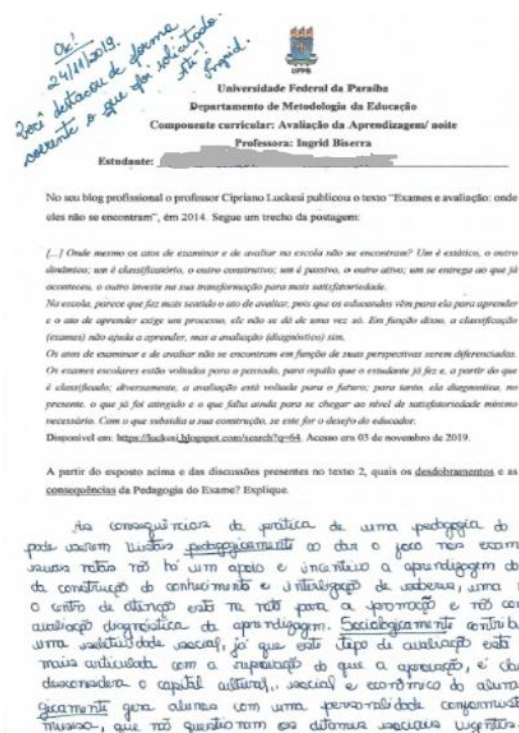
Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 3 – mapa conceitual



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 4 – Questão dissertativa



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 5 – Colagem



Fonte: Acervo da autora (2019).

As figuras representam as produções de alguns/as estudantes, que tiveram seus nomes preservados. Não foi possível colocar todas, mas descrevo a seguir as atividades realizadas: 1. Desenho sobre O que é avaliação para você? Essa atividade foi solicitada para diagnosticar o que eles/as sabiam e pensavam sobre o tema. Após o desenho, tinham que escrever o que ele representa e apresentar à turma; 2. Letra da música de Gabriel, O Pensador, Estudo Errado (1995). A proposta foi ouvir a letra, grifar as partes que chamam mais atenção, socializar oralmente e fazer o registro escrito; 3. Mapa conceitual do texto discutido em sala; 4. Produção de obra relacionada ao tema do texto debatido em sala, usando a técnica da colagem; 5. Questão de lacuna com várias alternativas para completar, também relacionada a texto discutido na aula; 6. Produção de uma matéria de jornal relacionada ao conteúdo da aula; 7. Anotações de tópicos da aula (o/a estudante fez registros da aula em tópicos, depois trocou com o/a colega que teve o desafio de construir um texto de uma página a partir dos pontos apresentados); 8. Reflexão crítica dissertativa a partir de matéria de jornal/ blog *on line* entregue pela professora; 9. Charge desenvolvida a partir das reflexões realizadas na aula; 10. Construção de alguns tipos de questões a partir de uma área de conhecimento, ano, conteúdo e objetivos específicos.



Para cada uma dessas atividades houve orientações conceituais, técnicas e procedimentais, e todas tiveram *feedback*. No âmbito de uma avaliação formativa a resposta é essencial. Os/as estudantes precisam ter um retorno do que está correto, do que está equivocado e do que precisa pensar um pouco mais. Outro detalhe nesse caminho é que não é suficiente apontar as respostas ditas corretas ou as erradas, mas é necessário discutir sobre aquelas respostas. Os resultados das avaliações precisam ser dialogados pois geram material de análise e reflexão para o/a docente e o/a estudante, principalmente, quando estruturados no formato de portfólio. Conforme afirma Ambrósio (2013, p. 20):

Ao confeccionar o portfólio de trabalho, os sujeitos passam a dispor de excelente material para que haja reflexão no processo. Assim, eles podem retomar as ações, seja por meio de registros falados, seja por meio de registros escritos, de imagens (fotos e/ou filmagem). A partir de registros dessa natureza, torna-se possível rever o processo e provocar as devidas conclusões.

Nesse sentido, o entendimento do erro precisa se apresentar de outra forma. É preciso superar os padrões de conduta que punem o erro e valorizam apenas o acerto. A intervenção docente deve buscar ultrapassar o objetivo de correção para o de interpretação da lógica possível do/a aluno/a. Além disso, os dados produzidos pelas avaliações não podem ser engavetados ou reduzidos a números. Conforme Hoffmann (2014, p. 112), “a ação avaliativa mediadora está presente justamente entre uma tarefa do aluno e a tarefa posterior”, pois é necessário analisar como eles/as entenderam em várias situações de aprendizagem, acompanhar as suas hipóteses e redirecionar os caminhos afim de orientar o desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição a qual foi desenvolvida a prática avaliativa abordada nesse artigo apresenta possibilidade para o seu desenvolvimento quando institui no seu Regimento Geral, artigo 61, que a verificação do rendimento escolar “será feita por ano ou período letivo, em cada disciplina, compreendendo: I - apuração de frequência às atividades didáticas; II - avaliação do aproveitamento escolar.” No artigo 63 complementa que “o aproveitamento escolar será avaliado através de acompanhamento contínuo do desempenho do aluno, e especialmente, dos resultados obtidos nos exercícios de verificação.”



O portfólio incide no acompanhamento contínuo das aprendizagens dos/as alunos/as e buscou não apenas ser um instrumento de avaliação numa turma do ensino superior, mas ser, também, um instrumento para ensinar diferentes possibilidades de avaliação para os/as futuros/as professores/as. Eles/as fizeram e aprenderam a fazer. O foco não foi a construção dos materiais do portfólio em si, sem objetividade, mas as aprendizagens em cada uma das atividades propostas.

Outro ponto central do portfólio faz parte da compreensão teórica e estrutural da didática que eu defendo: ela não é feita apenas de conhecimentos academicamente e cientificamente estruturados, mas de outros saberes que partem das experiências dos sujeitos e que vão além da formação nos cursos de graduação. Eles influenciam os modos de ser e estar na profissão dos/as professores/as e estão presentes ali, em práticas sutis e cotidianas. Esses saberes foram essenciais ao desenvolvimento do portfólio.

De acordo com Villas Boas (2004, p.38), “o portfólio apresenta várias possibilidades; uma delas é a sua construção pelo aluno. Nesse caso, o portfólio é uma coleção de suas produções, as quais apresentam as evidências de sua aprendizagem”, registradas por eles/as mesmos/as. Registrar o nosso processo de aprendizagem é um procedimento de conscientização, rigorosidade metódica, curiosidade epistemológica e de liberdade. É uma importante forma de aprender. Eu compreendo que é importante na formação docente a reflexão sobre o seu próprio processo de aprendizagem.

A prática descrita brevemente nesse artigo, em função do próprio espaço disponível, demonstrou a potente função do portfólio como instrumento de ensino e de aprendizagem, exemplificando uma experiência desenvolvida e abrindo um leque de outras possibilidades investigativas, que muito me interessam, como: analisar as concepções prévias de avaliação e as construídas ao final do componente curricular; analisar as autoavaliações dos/as discentes ao final; analisar as produções deles/as dentro dos critérios de cada atividade e relacionar com o repertório teórico da área; dentre tantas outras possibilidades passíveis de serem desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, Márcia. **O uso do portfólio no ensino superior**. Petrópolis: Vozes, 2013.

CANDAU, Vera (Org). **A didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 1984.

FERNANDES, Claudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos de. Currículo e Avaliação. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do.



Indagações sobre currículo: currículo e avaliação. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de educação básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag5.pdf>. Acesso em 23 abr de 2020.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Didática e Pedagogia: da teoria de ensino à teoria da formação. In: FRANCO, Maria Amélia Santoro; PIMENTA, Selma Garrido (Orgs). **Didática: embates contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 2014. p. 75-99.

FREITAS, Luiz Carlos de *et al.* **Avaliação educacional:** caminhando pela contramão. Petrópolis: Vozes, 2014.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade: Porto Alegre: Editora Medição, 2014.

_____. **Avaliação:** mito & desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. O campo teórico e profissional da Didática hoje: entre Ítaca e o canto das sereias. In: FRANCO, Maria Amélia Santoro; PIMENTA, Selma Garrido (Orgs). **Didática: embates contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 2014. p. 43-73.

LIMA, Valderez Marina do Rosário; GRILLO, Marlene Correro; HARRES, João Batista Siqueira. Diferentes formas de expressão da aprendizagem. In: Marlene Correro Grillo, Rosana Maria Gessinger; Ana Lúcia Souza de Freitas *et al* (orgs). **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 85-94.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 22ª ed. São Paulo, Cortez Editora, 2011.

NOGUEIRA *et al.* Didática e avaliação na mediação do processo de ensino e aprendizagem; um caminho para a práxis pedagógica. **Educação em Debate**, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.periodicosfaced.ufc.br/index.php/educacaoemdebate/article/view/66/29>.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, Avaliação e Trabalho Pedagógico**. Campinas: Ed. Papyrus, 2004.